

HOMENS E RATOS!

Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos construídos nos corpos de homens em Gênesis 38

André Sidnei Musskopf
Yoimel González Hernández

Virando homem, quebrando mitos

Ninguém nasce homem, mas se constrói e é construído de acordo com padrões e características de gênero que lhe são atribuídas social e culturalmente. Por muito tempo se pensou o contrário. As mulheres já têm uma longa caminhada no processo de perceber que determinadas características associadas com o “ser mulher” não são dadas pela “natureza” mas são conseqüências do papel que se construiu para elas. O que é novidade é que homens começam a se perguntar o que faz deles homens e porquê determinadas características os identificam enquanto tais. Nesse processo, muitos descobrem que, de fato, não escolheram, e até se sentem desconfortáveis e incomodados com certas exigências que se fazem para que a sua masculinidade seja comprovada.

É fato também que muitas destas características e papéis atribuídas ao modelo de masculinidade serviram para colocar os homens em posições de privilégio, com amplo acesso ao poder sobre as mulheres e outros homens considerados “menos homens”. Apesar de se sentirem desconfortáveis com determinadas características associadas com o masculino, é mais difícil para os homens abrir mão de certos privilégios, que esta condição e posição social lhes proporciona, ou enfrentar acusações de um sistema opressivo, que os qualifica como inferiores quando não demonstram tais características. Mas alguns homens fazem desta posição marginalizada uma forma de subverter esse sistema de poder assimétrico e hierárquico, muitas vezes sem optar por esta posição.

Mas quem são esses homens e quem são os “ratos”?

O processo de construção começa já antes do nascimento de uma criança. Sabendo ou não o sexo físico-biológico do bebê, os e as responsáveis pela criança começam a tecer planos para o seu futuro. Isso pode expressar-se através da decoração do quarto do bebê, das roupas (por exemplo, a cor), dos brinquedos, especialmente quando há mais condições financeiras; mas também no nível das esperanças: que o filho poderá ser aquilo que a mãe ou o pai não puderam, que vai ter uma vida diferente. Quando a criança nasce, esse processo de construção passa da preparação para a concretização desses valores no menino para a sua vida enquanto homem.

Os meninos, em geral, recebem menor atenção e demonstração de carinho, porque deles se espera que aprendam desde cedo a enfrentar as situações difíceis da vida. Eles não são poupados pois não serão protegidos, quando adultos. Sua tarefa será pro-

teger, nunca ser protegido. Todas estas precauções e a típica advertência “homem não chora” vão mostrando ao menino que ele precisa ser forte, não deve demonstrar insegurança, nem pedir ajuda. Todas estas exigências são feitas com medo de que o menino não se torne um “homem de verdade”.

Na pré-adolescência e na adolescência este modelo de homem vai sendo cada vez mais fortemente construído. A experiência escolar é um dos espaços onde isto acontece. Outra vez os meninos precisam aprender e mostrar como são independentes e fortes em relação às meninas, que são as que têm o “direito” (e também o dever) de ser frágeis, dóceis, educadas e prestativas. O mesmo vale também com relação aos outros meninos, com os quais terão que competir pelo resto da vida. Isso se faz através da divisão de tarefas e dos brinquedos e atividades. Meninos jogam bola, brincam de luta, se sujam, ajudam a cortar a grama, lavar o carro... Meninas brincam de boneca, de casinha, desenham, ajudam a lavar a louça, limpar e manter a casa organizada... Não cumprir com estas regras significa ultrapassar as fronteiras do gênero e ser considerado um homem inferior, ou nem isso. Na família, também é nesta fase que o distanciamento dos adultos e das adultas se intensifica. O pai e a mãe, por exemplo, não sabem como demonstrar carinho e afeição, com medo de emascular o adolescente (torná-lo “feminino”), o pai pelo contato muito íntimo de homem para homem e a mãe através de superproteção e mimo.

Indiferentemente da idade em que os homens começam a trabalhar, a pressão, e também a liberdade, para que façam isso sempre vem acompanhada da compreensão de que é tarefa do homem prover/sustentar a si mesmo e, posteriormente, a sua família. Através do trabalho, onde ele precisa continuar mostrando que é superior aos outros homens para “subir na vida”, o homem atesta a sua masculinidade. O seu trabalho e a conseqüente condição econômica vão definir a sua posição dentro da sociedade. E para fechar o ciclo, o passo seguinte é “constituir uma família”. A família é o espaço onde se dá continuidade, se mantém e se perpetua esse sistema e esta estrutura através da aplicação destas regras e modelos de comportamento.

Masculinidade e corporeidade

Quando falamos da construção da identidade masculina nos referimos a um processo que não acontece no abstrato mas, localizado concretamente nos corpos de homens. A análise da masculinidade através da corporeidade nos coloca no lugar onde as características descritas recebem significado e são significadas. É no corpo dos homens que este processo deixa suas marcas e estas marcas nos ajudam a entender o que isso implica para os homens.

Muitas pesquisas têm mostrado como os homens são mais vulneráveis a determinadas doenças e morrem mais jovens do que as mulheres. Um dos fatores que ajuda a reduzir os anos de vida dos homens é a violência. Nas páginas dos jornais vê-se claramente como a violência tem um rosto masculino. Esta situação está intimamente ligada com a identidade masculina e como ela toma forma no corpo dos homens. Nas situações mais difíceis da vida, exige-se dos homens que não demonstrem fraqueza, emo-

tividade, sensibilidade (características atribuídas ao “feminino”). Exige-se que reajam com frieza, dureza e firmeza. A negação dos sentimentos e os fracassos transformam-se em energia que os homens liberam através de atitudes violentas: contra si mesmo, contra a própria família (violência doméstica), no trânsito, nos esportes, em brigas por motivos aparentemente insignificantes.

Mas a área que mais define a corporeidade masculina é a sexualidade. É através do exercício da sexualidade, de uma forma determinada, que, desde a adolescência, o homem atualiza as características do modelo de masculinidade e prova que é “um homem de verdade”. Se a identidade masculina e a sua corporeidade são definidas pela força e competitividade, também a sexualidade masculina apresenta essas características. Isso se expressa na liberdade que os homens têm com relação à quantidade e o tipo de parceiras, à forma como se relacionam com elas e aos frutos que se esperam destas relações. Estas situações não são apenas “liberdades”, mas acabam tornando-se exigências e atestados de masculinidade.

De uma certa forma, espera-se que o homem inicie sua vida sexual antes da mulher, utilizando-se, muitas vezes, o recurso da prostituição para iniciar os rapazes e para extravasar as energias sexuais quando a mulher não “atende” às necessidades do homem. Também há uma certa complacência no caso de relacionamentos extraconjugais quando se trata de homens. Por outro lado, a sexualidade do homem é centralizada nos genitais. O pênis define a sua sexualidade e o homem precisa sempre “estar pronto” para a relação sexual. O pênis, ereto, define a sexualidade masculina e representa a força do homem. Ainda, a sexualidade viril do homem é, ainda hoje, atestada pela capacidade de procriar, de “fazer” filhos. Um homem sem filhos, de preferência homens, para levar adiante o seu nome, não é um homem de verdade.

Antes de entrar no texto

O que descrevemos é o processo de construção da masculinidade que se chama “hegemônico”. Isto não significa que todos os homens sejam assim e passem por este processo, mas é um modelo que norteia aquilo que os homens deveriam alcançar. Apesar de muitos homens, talvez a maioria, não apresentarem essas características, o modelo se mantém pelo esforço em chegar o mais perto possível deste homem ideal, acima de qualquer suspeita, e pela cumplicidade das mulheres que participam deste processo de construção. Este modelo de masculinidade é um mito, que vem, cada vez mais, sendo desconstruído na busca e experiência concreta de modelos alternativos de masculinidade.

Segundo Leonardo Boff e Rose Marie Muraro, a estrutura familiar patriarcal, onde predomina a figura do homem, já perdura há mais de 8.000 anos. Mesmo assim, a família como instituição passou por diferentes modificações e, em diferentes períodos e experiências, foi questionada e adaptada às situações do contexto. Assim temos modelos de famílias polígamas, famílias ampliadas, até chegar ao modelo moderno de família nuclear. Além desses, outros arranjos familiares sempre existiram, embora tidos como anormais, disfuncionais ou diferenciados. No contexto atual, com todos os

avanços no campo do feminismo, o reconhecimento e valorização de identidades diferentes, as mudanças nos modos de produção, os altos índices de desemprego e pobreza, o modelo hegemônico de família, e do que significa ser homem e mulher, precisa ser revisto pois pode tornar-se um mecanismo de opressão.

Na sociedade judaíta, a casa patriarcal, o *bet 'ab*, é a estrutura familiar na qual homens e mulheres aprendem a se comportar segundo os modelos de gênero pré-estabelecidos como normativos. Gênesis 38 é um exemplo de como se dão as relações entre homens e destes com as mulheres, dentro do espaço familiar patriarcal. Na análise deste texto olharemos para as personagens como corpos em movimento, como fontes de saberes capazes de controlar outros corpos, mas também como fontes de rebeldia e libertação. A categoria “corpo” nos acompanhará como categoria hermenêutica e, desta forma, tentaremos revelar não somente como os corpos femininos são controlados pelo poder patriarcal, mas também os mecanismos de modelagem e controle dos corpos dos homens e suas estratégias de subversão.

A casa patriarcal judaíta conta com um aparato legislativo que a estabelece e mantém. Leis como as que podemos ler em Dt 21,15-17; 23,1 e 24,5 atestam a importância da virilidade masculina e da geração de filhos. Através das relações entre os homens judeus que estas leis promovem é possível perceber as diferentes posições que os homens ocupam na sociedade de acordo com o modelo de masculinidade que representam e promovem. Outra lei importante para a manutenção da *bet 'ab* é a lei do levirato (Dt 25,5-10). Todas as referências ao levirato no Antigo Testamento giram em torno do problema do acatamento, ou não, desta lei por parte dos homens, ou das dificuldades que as mulheres enfrentam por causa disto. O objetivo desta lei é evitar a perda do *nome do homem morto* (Dt 25,6), exigindo que o irmão tenha relações sexuais com a cunhada com a finalidade de gerar descendência ao primeiro.

As personagens da história

Em Gênesis 38, os filhos de Judá são apresentados segundo a sua função procriadora: Er é o primogênito que não consegue dar filhos; Onã se nega a gerar descendência para seu irmão (Gn 38,9) e passa para a história da sexualidade humana como o primeiro praticante do *coitus interruptus*; finalmente, Sela é ainda uma criança que não pode procriar. Isto evidencia a responsabilidade dos filhos na manutenção da casa patriarcal. Há sempre uma grande expectativa já que neles está a esperança de que o nome do patriarca não desapareça da face da terra.

Da mesma forma outras personagens da narrativa são imprescindíveis na vida da casa patriarcal: as mulheres (a esposa de Judá e Tamar) são apresentadas como instrumentos usados pelos homens para conseguir a descendência. Por outro lado, Javé é apresentado como aquele que defende a causa do pai da família e, portanto, representa não somente seus valores, mas também os valores de toda a estrutura social patriarcal.

Tendo presente que a descendência garante o projeto de construção da *bet 'ab* de Judá e que esta construção não se dá de uma única vez, mas num processo dinâmico no

qual intervém todos os membros da casa do pai, vejamos como Gn 38 narra a construção da casa patriarcal de Judá e como, paralelamente, são construídas as identidades de gênero das personagens.

A construção da estrutura patriarcal e as masculinidades

O projeto de construção da casa patriarcal começa quando Judá se separa da casa de seu pai e dos irmãos e decide construir o seu próprio espaço familiar (v. 1). A narrativa apresenta imediatamente Judá procurando uma mulher e sua dedicação, quase exclusiva, à concepção de filhos (v. 2-5). Esta mulher, da qual nem temos o nome, é um instrumento nas mãos do patriarca novato. A sua passividade é quebrada somente quando concebe, dá à luz e nomeia a descendência (v. 3-5). Suas ações férteis se convertem em palavras que a tradição não preservou, mas que estão aí, feitas dor de parto e criatividade materna. Depois que o patriarca Judá consegue criar a sua *bet 'ab*, passa a responsabilidade da sua manutenção para os filhos, os quais terão que demonstrar suas faculdades como homens dispostos a assumir a sua função social.

Er é o primogênito de Judá e, portanto, o principal responsável pela geração de descendência e pela continuação da casa paterna. Sobre ele sabemos apenas que o pai procurou uma mulher para ele (Tamar) e que Javé o fez morrer por fazer o mal ante seus olhos (v. 6-7). Não sabemos qual foi a maldade que cometeu nem se ele e Tamar chegaram a ter relações sexuais. Neste aspecto o texto apresenta uma reserva de sentido que permite especulações diversas. O texto está aberto a várias perguntas: em um texto onde está em jogo a competência de cada personagem masculino para gerar descendência, a causa da morte de Er não estará, de alguma forma, vinculada a esta questão? Estamos diante de um homem estéril? Por acaso Er se negou a ter filhos como fez Onã depois? Foi Er um homem que não gostava de mulheres? Qual terá sido o crime de Er que não se pode, ou não se quer, nem que seja dito o nome? Não defenderemos nenhuma destas opções, embora todas elas sejam possíveis. Ao silenciar sobre os motivos da morte de Er o texto desafia cada leitor e leitora a dar sua própria resposta.

A partir do contexto em que Er é apresentado podemos supor que ele foi morto por Javé por não ter cumprido com a sua responsabilidade como homem: gerar descendência. Se um homem não gera filhos é um fracasso como homem e o seu futuro é a morte. Isso ficará ainda mais claro quando tratarmos de Onã. Se este for o caso, o controle sobre o seu corpo é exercido, em primeiro lugar, pelo pai. O sistema patriarcal dá legitimidade a Judá para que controle o corpo de seu filho, exigindo que se case e procrie. Se Er é seu filho varão primogênito, seu corpo lhe pertence, ou melhor, pertence à estrutura familiar patriarcal. Er tem que usar seu corpo sexuado para dar continuidade à casa de seu pai e não há forma de fugir desta ordem, a não ser pela morte, pela anulação. Mas, em segundo lugar, esse sistema é sancionado pelo deus patriarcal que mantém esta estrutura através da anulação do filho perverso.

Diante da morte de Er e tendo em vista a lei do levirato, supõe-se que Onã, agora o filho mais velho, assuma a responsabilidade pela geração de descendência, tendo relações sexuais com Tamar. Judá, como patriarca e chefe da casa, aplica o sistema de

valores baseado na legalidade (lei do levirato) e em seus interesses de poder como patriarca para impor essa responsabilidade (v. 8). Também aqui não sabemos os motivos, mas Onã *não quer* gerar descendência para seu irmão e, para isso, conta com um *saber*: ele sabe como evitar que Tamar conceba. Ao evitar gerar descendência para seu irmão, Onã entra em contradição com três posições diferentes: o seu pai, a legislação social da época e Tamar. Para esta, ter filhos garantia uma posição mais vantajosa que a condição de viúva sem filhos. Afinal, a maternidade, na cultura patriarcal, dá status à mulher. Estas três posições representam uma pressão real diante da qual Onã reage corporalmente, através do exercício da sua sexualidade.

A reação de Onã subverte a norma para a compreensão da masculinidade na cultura judaica e coloca a possibilidade de construção alternativa da masculinidade. Usando seu corpo inteligentemente, Onã logra desobedecer a cultura patriarcal. Ele conhece seu corpo a ponto de saber o momento preciso em que deve ejacular fora da vagina de Tamar e, assim, alcançar seu objetivo (v. 9). Onã é dono de seu corpo e por isto tem êxito na sua empresa. Tudo indica que Tamar e Onã tiveram relações sexuais várias vezes e, sempre que isto acontece, Onã faz o mesmo. A estratégia de Onã consiste em fazer todos pensarem que efetivamente estava cumprindo com a ordem de seu pai. Afinal, os homens que não cumprem suas funções de virilidade desaparecem no esquecimento. Desta forma, Onã não rompe totalmente com a estrutura patriarcal, mas a subverte dentro de uma situação possível. Podemos supor que Tamar tenha exposto a sua estratégia e revelado sua intenção. De qualquer forma, também Onã é morto pelo deus patriarcal, morte justificada pela sua maldade (v. 10), como o seu irmão Er.

Diante da morte dos dois filhos de Judá, resta apenas o mais novo: Sela. Em Gn 38,11 encontramos a situação específica deste. Sela é ainda muito novo para procriar. Judá se nega a dá-lo para Tamar e, desta forma, protege seu filho, mas faz isto desqualificando-o. Assim, Sela é tão incompetente para gerar descendência como seus irmãos mortos. Ao modelo hegemônico de masculinidade não pertencem somente os homens capazes de procriar, mas também os homens adultos. Uma criança pode ser considerada um homem “em potência”, mas ainda não é um homem “verdadeiro” e isto o desqualifica para o projeto de construção da casa patriarcal. Ele ainda não se constituiu enquanto homem dentro do processo de socialização. Desta forma o corpo de Sela, como corpo des-sexualizado, é anulado e invisibilizado.

Gn 38,11 também é um versículo chave nesta história para entender como o patriarca Judá interpretou o acontecido com os membros da sua casa. Embora Javé já tivesse dado seu veredicto considerando Er e Onã desagradáveis perante seus olhos (Gn 38,7.10), para o patriarca a causa da morte é outra: Tamar (v. 11). Judá não consegue admitir que seus filhos desobedeceram suas ordens e se rebelaram contra o que a sociedade patriarcal considerava como modelo de masculinidade ideal. Por esse motivo, ele tem que procurar outro culpado e quem mais indicado para isso do que uma mulher? Desta forma, Judá des-legitima as posições rebeldes de seus filhos e preserva a sua honra e a honra de sua casa.

Quando chegamos ao v. 12 a casa patriarcal está em crise. Judá perdeu dois de seus filhos, sua esposa morreu, e parece que tudo vai acabar por aí. No entanto, é a partir deste versículo que Tamar desempenha um papel muito mais protagonista. Através da sua imagem sedutora, ela consegue enganar seu sogro, tem relações sexuais com ele e concebe (v. 13-16). Se para o patriarca a descendência constitui a forma de construção de seu espaço familiar, para Tamar a descendência constitui a sua salvação como mulher dentro de uma sociedade que restringe o papel feminino à reprodução. Também aqui nos deparamos com estereótipos de gênero: Tamar é apresentada como sedutora e enganadora, e o patriarca se torna quase uma vítima, uma vez que a busca de uma prostituta para o exercício da sua sexualidade é perfeitamente concebível dentro da estrutura e do modelo de masculinidade acima descrito.

O final de Gn 38 nos ajuda a compreender a ideologia patriarcal implicada no texto. A história apresenta uma idealização da figura patriarcal e o faz de duas formas: primeiro, legitimando a figura patriarcal como indiscutivelmente viril e, segundo, apresentando o patriarca como sancionador das personagens envolvidas na trama. Nenhuma outra personagem masculina de Gn 38 procria a não ser Judá. Com isto ele é legitimado como modelo de homem viril. O corpo de Judá, apesar da sua idade, é um corpo masculino portador de plenas faculdades procriadoras e, portanto, símbolo indiscutível da sexualidade masculina. Os “questionáveis” modelos de masculinidade representados por Er, Onã e Sela são ridicularizados diante da potência sexual do seu pai, que não somente procria, mas consegue restabelecer a sua casa quando gera gêmeos (v. 27-30), “repondo” os filhos incompetentes.

Outra estratégia usada para ressaltar a figura patriarcal consiste em dar-lhe a função de juiz. Se em duas ocasiões anteriores (v. 7 e 10) quem julga as ações das personagens é Javé, desta vez Judá arroga para si este papel, desenvolvendo uma inesquecível atuação de humildade e reconhecimento de seu erro (v. 26). Anteriormente Javé pôde exercer o papel de juiz porque o conteúdo da sua sanção era a condenação das “desagradáveis” masculinidades de Er e Onã. Mas, neste caso, quando está em jogo o reconhecimento da justiça de uma mulher, seria muito perigoso apresentar o deus patriarcal legitimando a audaz atuação de Tamar. Por esse motivo, apresentar o patriarca redimido como juiz da atuação feminina é uma forma de reconhecer a justiça de Tamar, deixando sutilmente claro o papel sancionador do patriarca, a sua inquestionável obediência à lei, sua humildade e auto-reconhecimento como culpável e, acima de tudo, o seu poder sobre o corpo de todos os membros da família.

A narrativa de Gn 38 não termina nas últimas palavras do capítulo. Outros textos do Antigo Testamento fazem referência a personagens que intervêm nesta história, especificamente em Nm 26,19-22; 1Cr 2,3-6 e Rt 4,12-22. No entanto, nestes casos, se utiliza outra estratégia para ressaltar a procriação como mecanismo mantenedor da estrutura patriarcal. Todos eles ressaltam Perez, um dos gêmeos de Judá e Tamar. Com isto revelam o esquecimento dos filhos desobedientes e suas histórias, plenas de rebelião e ambigüidade, são minimizadas às custas da supremacia da história do filho que logrou manter vivo o nome do patriarca através dos séculos.

Conclusão

O propósito de Gênesis 38 é mostrar como o nome Judá se manteve vivo através da história, dando continuidade a uma descendência que desembocará em Davi. Neste intento, o autor não se preocupa em dar detalhes que poderiam parecer importantes para um leitor ou leitora contemporânea. Assim como inúmeras releituras feministas fizeram uma análise e resgate do papel protagonista de Tamar, este estudo pretendeu fazer uma releitura deste texto para resgatar as personagens masculinas e o seu papel dentro da estrutura de poder patriarcal, utilizando a corporeidade como eixo interpretativo. Este texto permite evidenciar as estratégias de construção dos papéis de gênero segundo a ideologia patriarcal, mas também a visibilização de masculinidades desviantes, subversivas, alternativas.

A narrativa de Gn 38, enfocando a construção e a manutenção da casa patriarcal (*bet 'ab*) de Judá, revela como as masculinidades desviantes dos filhos são interpretadas e julgadas a partir do modelo hegemônico representado por Judá. Os três filhos, por motivos diferentes e nem sempre claros, não correspondem ao modelo esperado. Eles resistem, em seus corpos, nem sempre ativa ou conscientemente, ao sistema que dita as normas para o seu comportamento enquanto homens. Por isso são castigados com a anulação e esquecimento, tanto real quanto metafórico, a ponto de nem serem nomeados em algumas genealogias. O papel deles é de coadjuvantes numa trama que visa assegurar a supremacia do pai, que preserva as características reconhecíveis como masculinas. Neste texto, estas características estão intimamente ligadas com o exercício da sexualidade, e com a forma como atesta a qualidade do homem.

Esta releitura de Gn 38 nos coloca diante de alguns desafios tendo em vista as discussões de gênero. Não há dúvida de que o texto promova um modelo de masculinidade como ideal, pelo menos para o contexto no qual está inserido (as narrativas dos patriarcas). O próprio Deus que age nesta história aprova, sanciona e legitima esta estrutura. Assim, a estrutura patriarcal se torna expressão da vontade divina. Além disso, o caráter sagrado atribuído ao texto o coloca numa posição intocável. Mesmo assim, o resgate da experiência de Er, Onã e Sela, revela a resistência a este sistema por parte dos próprios homens. Estes, que por sua experiência corporal, e sexual, não preenchem, não querem preencher e/ou não podem preencher, os quesitos necessários para provar e ostentar a sua masculinidade, tornam-se companheiros de muitos homens que hoje descobrem a opressão presente no sistema patriarcal e o subvertem, resistem e se libertam.

O processo de socialização, através do qual os homens se constroem e são constituídos, privilegia e exige que eles desenvolvam e demonstrem determinadas características. Estas, por sua vez, servem para manter o poder historicamente assegurado aos homens. Esta estrutura não oprime apenas as mulheres, mas os próprios homens. Neste sentido, o resgate de histórias subversivas deste sistema no texto bíblico nos ajuda a questionar o mesmo dentro da própria Bíblia e visualizar a possibilidade de um mundo onde outras relações são possíveis. O próprio discurso da masculinidade cria formas determinadas de viver como homens. Por isso precisamos nos colocar ao lado de ho-

mens como Er, Onã e Sela, e descobrir que há diversas masculinidades, muitas delas sendo formas de resistir a um sistema que oprime homens e mulheres.

Bibliografia consultada e sugestões para aprofundamento

BAL, Mieke. *Lethal love: Feminist literary reading of biblical stories*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

BRENNER, Athalya. *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000.

CROATTO, José Severino. *Hermenêutica bíblica – Para uma leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

CUSCHNIR, Luiz e MARDEGAN Jr., Elyseu. *Homens e suas máscaras*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino*. Rio de Janeiro: Sextante, 4ª edição, 2002.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

André Sidnei Musskopf
asmusskopf@hotmail.com

Yoimel González Hernández
Edificio 6, apto. 14, Zona de Desarrollo
Guines
La Habana 33900
Cuba
yoyoimel@hotmail.com